

Apresentação do dossiê:

Literatura argentina: novísimos registros, vozes, geografias

Iuri Müller

Universidade Federal da Integração Latino Americana

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2618-9599>

Luciéle Bernardi de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1059-408X>

Com entusiasmo, lançamos esta nova edição da revista *Frontería*, que apresenta o dossiê *Literatura argentina: novísimos registros, vozes, geografias*. Este dossiê surge do desejo comum e da necessidade de, cientes do imenso terreno experimental que esta literatura nos oferece, conhecer e valorizar a produção literária argentina contemporânea, considerando desterritorializações imaginárias e culturais que envolvem pensar uma literatura nacional hoje. Como prova de nossa relação *hermanada*, lembremos de trabalhos tão contemporâneos como o de Luciana di Leone (2011), de Sérgio Micelli (2018) e de pesquisadores/as como Ieda Magri, Felipe Charbel e Rafael Gutiérrez, que se dedicam a olhar para o país vizinho a partir da perspectiva brasileira ou do trânsito incessante entre os países.

Esta seleção de textos, portanto, propõe um caminho dialogante para os que há tempos nos alimentamos da palavra nascida *do outro lado da fronteira*, seja em Misiones, Corrientes, Salta, Córdoba e Buenos Aires, para mencionar algumas das geografias recorrentes nos artigos deste dossiê. Em um espaço caracterizado por uma robusta produção literária, uma evidente



valentia experimental e atrelada a grandes nomes que ultrapassam, na circulação dos textos, seu extenso território, sua literatura continua tão dinâmica quanto a sua cultura. Em movimento e aberto às mutações e porosidades, mas também articulado à tradição enquanto substrato, este é, enfim, um espaço literário que germina *frutos extraños, inespecificidades* (Garramuño, 2014). O presente dossiê é, também, um espaço para compreendermos a relação entre autores, obras e seus leitores críticos, observando a constelação de possibilidades do que se entende, contemporaneamente, por literatura argentina.

Os artigos aqui reunidos aceitaram, portanto, o desafio apresentado pela chamada da revista *Frontería*, lançando-se a pensar a produção literária argentina em suas implicações político-sociais, suas fronteiras formais e desde discussões teórico-críticas que percorrem diferentes formas de criação, gêneros, dicções e temas das várias Argentinhas possíveis sob um espaço literário. São textos que, ao mesmo tempo em que surgem muito distintos em suas propostas de pesquisa, também oferecem pontos de encontro em suas buscas e interrogações, como o leitor poderá perceber ao folhear, por diferentes rotas, esta nova edição.

O artigo **Cartografias alternativas na narrativa argentina contemporânea: *La Villa*, de César Aira, e *La Virgen Cabeza*, de Gabriela Cabezón Cámara**, escrito por Josivânia da Cruz Vilela e Wanderlan Alves, atesta a riqueza destes dois romances argentinos no panorama literário contemporâneo. Tais narrativas proporcionam um mergulho no tratamento ficcional de territórios periféricos e de indivíduos em constante processo de autoconstituição, tendo como embasamento teórico as concepções de Josefina Ludmer (2010), sobretudo a concepção de *ilha urbana*. Os romances *La Villa* (2001), de César Aira, e *La*

Virgen Cabeza (2009), obra de Gabriela Cabezón Cámara, imprimem, sobretudo por meio de sua forma, processos enraizados em maneiras transitórias e adaptativas de existência, convocando para uma reavaliação das práticas e concepções territoriais presentes nos textos literários das últimas décadas. A análise buscada pelos autores ilumina a intersecção entre espaço e subjetividade, convidando os leitores a contemplar as tensas relações entre os personagens e os ambientes que habitam.

O diálogo entre literatura, memória e criação coletiva faz-se presente em **Otra forma de contar historias: el teatro comunitario argentino**, de autoria de Juan Pablo Vitale. Desbordando os limites das páginas dos volumes, e a partir de uma retrospectiva crítica histórica sobre o teatro comunitário argentino, sobretudo do grupo *La Murga de la Estación*, o trabalho captura não apenas a essência desta forma de teatro, mas também busca explorar suas raízes, impacto e métodos de maneira a refletir uma profunda atenção pela cultura, a identidade e a memória coletiva. Assim, o trabalho de Vitale contribui de modo significativo para o entendimento dessa forma singular de expressão artística e social. A abordagem meticulosa de resgatar a história oral e as biografias dos membros do citado grupo mostra dedicação para superar as existentes lacunas de documentação, resultando em uma perspectiva complexa que enriquece ainda mais a compreensão do teatro comunitário argentino ao trazer, por exemplo, a partir do comentário de suas peças, a relação íntima entre território e cultura nos cenários investigados.

Em **Elementos do contemporâneo em As coisas que perdemos no fogo**, de Mariana Enríquez, de autoria de Daiane Fernandes Dias de Jesus, a obra de Mariana Enríquez ganha relevo, atualizando o gótico transgressor por meio do conto "As

coisas que perdemos no fogo”. Orientado por perspectivas encontradas nas obras de Giorgio Agamben e Arthur Danto, o trabalho aborda a desafiadora tarefa de pensar sobre a arte e a literatura contemporâneas, reconhecendo a complexidade inerente ao conceito de “ser contemporâneo”, dado o vigente cenário de informação desordenada e a ausência de limites cronológicos precisos. No âmbito da literatura feminista, o artigo observa a transformação de personagens marginalizados em sujeitos políticos, um fenômeno que reflete o engajamento com as vozes da terceira onda do feminismo e os novos discursos que ela trouxe à tona.

As articulações possíveis entre a literatura, a teoria da história e mesmo a antropologia aparecem examinadas em **Os entrelugares de Eisejuaz de Sara Gallardo**, contribuição assinada por Renata dal Sasso Freitas. No artigo, a pesquisadora trata de interrogar tanto o papel das crenças – em tensão entre o xamanismo observado no Norte argentino e o regime de ideias do cristianismo – no romance, publicado ainda no começo dos anos 1970 na Argentina, bem como a forma com que o perspectivismo ameríndio – a partir dos aportes teóricos de Eduardo Viveiros de Castro – pode oferecer uma chave de leitura para a ficção de Gallardo. O ensaio também permite outras aberturas para a crítica literária argentina, visto que resgata, entre outras, as posições de Ricardo Piglia – um dos responsáveis pela revalorização de *Eisejuaz* no panorama literário do país – sobre o encontro, nunca transparente, sempre por se refazer e por se orientar, entre a história e a literatura, e a possibilidade de narrar os acontecimentos que se situam justamente nesse entrelugar.

A partir de uma abordagem concisa, Alexia Prado trata de discorrer sobre o erotismo nos contos da escritora Camila Sosa Villada em *Soy una tonta por quererte*, volume publicado em

2022. O estatuto erótico do texto literário, em suas possibilidades de invenção e insubmissão, aparece movimentado pelas contribuições teóricas de Donna Haraway e Paul B. Preciado, entre outros autores e autoras. Da mesma forma, o artigo de Prado – de título **O humano erótico em *Soy una tonta por quererte*, de Camila Sosa Villada** – busca questionar a problemática distinção entre cultura e natureza – entre outras dualidades postas à prova nas dobras e desvios dessas narrativas breves – na ficção da escritora argentina.

Por fim, o dossiê também traz uma **entrevista inédita com o escritor argentino Federico Falco** (General Cabrera, Córdoba, 1977), conversação levada adiante pelo pesquisador Gabriel Eduardo Bortolini. Falco, o autor de, entre outros textos, *Los llanos* (2020), aborda na entrevista questões principalmente relacionadas ao espaço na literatura – seja na que escreve como na que o ocupa como leitor de ficção. “Me cuesta mucho escribir ciudades. En general, el paisaje urbano no me convoca para nada, no me da ganas de escribir, no me produce el deseo de intentar atraparlo en palabras. En cambio, con los paisajes naturales me sucede exactamente lo contrario: una caminata en las sierras, un viaje en auto atravesando la llanura, una visita al mar. Siempre hay algo de esos paisajes que me da satisfacción y al mismo tiempo, me genera preguntas. ¿Quién vive acá? ¿Cómo será vivir acá? ¿Cómo será el invierno en estos lugares? ¿Qué harán en verano, cuando el pueblo se les llena de turistas? Esas preguntas, para mí, son el primer paso de la escritura”, discorre Federico Falco em um dos excertos da entrevista – diálogo que, acreditamos, enriquece esta edição.

Desejamos que este novo número da *Frontería* – que também apresenta artigos em sua seção livre – possa proporcionar uma leitura proveitosa para as pesquisadoras e

pesquisadores, especialmente aqueles interessados na criação contemporânea da América Latina e cuja atenção se volta às produções localizadas na Argentina de hoje e das últimas décadas. Expressamos nosso agradecimento a todos os que se dedicaram à avaliação, revisão e edição dos artigos recebidos, assim como aos autores e autoras que fizeram esta edição possível.

Prepara o mate – e boa leitura!

Os organizadores